



188

## Em memória de Tancredo

Quando a Nação acordar do pesadelo em que se converteu a morte de Tancredo Neves, terá que enfrentar uma realidade talvez ainda mais dramática do que o próprio desaparecimento do Presidente. Toda uma imensurável ordem de problemas aguarda a ação do Governo. Será necessário que as forças políticas se despojem de seus preconceitos partidários. E, agindo em função do interesse nacional e submissas à causa maior da estabilidade política, fortaleçam a autoridade do Governo, respaldando as suas decisões no plano da opinião pública e no âmbito do Poder Legislativo.

Não se pede que as forças eventualmente compelidas a exercer funções oposicionistas abdicuem dessa responsabilidade, até porque o Governo precisa da advertência dos contrários para não cometer erros. O que a Nação deseja, neste momento difícil e carregado de comoção, é a ação convergente de todas as suas forças ativas, no sentido de proteger as nascentes instituições democráticas e levá-las ao nível de aperfeiçoamento compatível com as aspirações populares. As ações oposicionistas devem anotar e partilhar dessas responsabilidades, de sorte que o exercício da crítica política, útil e indispensável ao País, não inviabilize a consumação desses objetivos.

Se a morte do presidente Tancredo Neves, após dolorosa e lenta agonia, serviu para demonstrar que a unanimidade nacional lhe era solidária, serviu também para mostrar, com absoluta niti-

dez, que o povo compreendeu e filiou-se resolutamente à idéia da conciliação nacional. Pois essa era a idéia nuclear de todo o pensamento político de Tancredo e, seguramente, a que pôde galvanizar a opinião pública nacional para a realização do maior movimento popular já registrado na história política do País.

Morto Tancredo, não morrem, porém, as suas idéias. E se estas, como está definitivamente provado, foram recolhidas na alma do povo como as únicas alternativas de resgatar a dignidade nacional e rejuvenescer as energias exauridas do País, colocá-las em recesso corresponderia a um gesto de traição contra o povo, que as referendou nas praças públicas de todo o território nacional.

Hoje, a grande motivação básica capaz de repor o equilíbrio na vida pública brasileira é o legado político deixado por Tancredo Neves. Esse legado está expresso na união nacional em torno do programa doutrinário e político que ele construiu ao longo da memorável campanha civilista, com a qual mobilizou as forças sociais em torno de sua candidatura à Presidência da República.

E o que pregava esse programa? Em primeiro lugar, a adoção imediata de medidas destinadas a socorrer as populações famintas, a retomada do desenvolvimento, como forma de reduzir as dramáticas taxas de desemprego e a realização de um pacto social como expressão anterior às reformas nas estruturas políticas e sociais do País. E, depois, a reconstrução das instituições democráti-

cas, a partir de consulta às fontes originárias do Poder, através de uma Assembléia Nacional Constituinte, em 1986. É claro que aqui estão expostas apenas as idéias fundamentais da proposta política com a qual o presidente Tancredo Neves pretendia a renovação da vida nacional, com uma amplitude e seriedade indispensáveis para cobrir o projeto com a revestimenta da perenidade.

Com a morte de Tancredo Neves, esse compromisso, ao invés de desaparecer, mais vivo e nítido se apresenta na consciência nacional. Inclusive porque o sacrifício do Presidente só não será em vão na medida em que o seu projeto político for executado exatamente da forma que ele imaginou. É indispensável, pois, que a ascensão do sr. José Sarney aos poderes plenos da República não expresse apenas a obediência ao texto constitucional, que a todos obriga, mas que seja a condição política para a realização dos objetivos da Nova República, nos termos definidos pelo Presidente morto. Manobras de antecipação da Assembléia Constituinte, encurtamento do mandato presidencial para prazo inferior a quatro anos e outras restrições às prerrogativas constitucionais do presidente José Sarney não passarão, em consequência, de artifícios golpistas. E o grande artifício da Nova República, Tancredo Neves, repugnaria a adoção de métodos que ele combateu durante os cinquenta anos em que pontilhou na vida pública brasileira como uma de suas maiores expressões históricas.